

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**A IMPORTÂNCIA DO GRAFISMO INDÍGENA PARA POVO SATERÉ-
MAWÉ**

Dener Tavares dos Santos
Orientador: Diego Omar da Silveira

Resumo

O artigo consiste na análise dos relatos produzidos por nossos colaboradores pertencentes ao povo Sateré-Mawé, almejando entender a importância do Grafismo Indígena para esta nação, com isso buscamos servir como fonte para aqueles que procuram compreender toda transcendência que essas manifestações detêm.

Palavras-chave:

Grafismo Indígena; Sateré-Mawé; Importância.

Introdução

O grafismo indígena brasileiro é uma das mais belas e complexas formas de expressar a identidade cultural de um povo. O choque cultural gerado a partir da chegada dos colonizadores acarretou, dentro do processo de colonização, a fragilização das práticas culturais de identificação dos povos indígenas. Todavia essas formas de expressões ainda continuaram e continuam enraizadas até os dias atuais. Dentro do nosso país, o grande número de grupos indígenas traz consigo esses tipos de manifestações gráficas, onde cada povo detém uma simbologia própria.

O grafismo indígena carrega diversos objetivos e significados, desde rituais de passagem, marcas de guerras, significados cósmicos, entre tantos outros conceitos. Entender a importância dessas manifestações gráficas é de suma importância, já que elas fazem parte da cultura, vivências e do cotidiano de nossos descendentes. O grafismo indígena entre traços e contornos representa a história desses grupos ao longo das gerações. Segundo Lux Vidal (2000) num passado recente, a arte gráfica, pintura e ornamentos dos corpos passaram a ser vistos como fontes visuais que expressão as diversas manifestações, suas simbologias e que contribuem no processo de compreensão das vivências sociais.

Neste artigo, delimitarei a pesquisa mais especificamente ao povo Sateré-Mawé, não apenas por ser o grupo indígena predominante dentro do nosso município, mas pela riqueza que a cultura deste povo possui. Através da delimitação apresentada, buscarei compreender a importância do grafismo indígena para o povo Sateré-Mawé e as significações que este tipo de manifestação representa.

A arte gráfica está fortemente inserida dentro da sociedade Mawé através da pintura corporal e do *Puratig*, o remo sagrado, como conta Yaguarê Yamã (2007), nele estão contidas as mais importantes lendas, mitos e fabulas que estão representadas através do grafismo, e que são perpassadas de forma oral para as mais diversas gerações dos Sateré-Mawé.

A metodologia insere-se dentro do campo da pesquisa qualitativa, que surgiu por volta de 1970 na América Latina. Segundo Lara e Molina (2011), este campo tem seus genes na antropologia e dentro desta tradição antropológica foi apontada como investigação etnográfica. Maria Paulilo (1999) com base nos pensamentos de Sanches e Minayo aponta que esta metodologia é aplicada quando é necessário a compreensão de fenômenos que são marcados por grande complexidade interna.

Meu interesse por esta temática surge muito pelo que já foi supracitado, mas também pela sua grande riqueza estética e mitológica que o grafismo indígena proporciona, vejo como

extremamente válido o estudo desta temática. Mostra-se aparente o pouco conhecimento dos não indígenas em relação ao grafismo Mawé, mesmo que este esteja subalterno em nossa cultura, a exemplo a realização de pinturas corporais por turistas e pela população local no festival folclórico de Parintins-AM. Muitos adeptos desta festividade costumam pintar seus rostos, braços, mas carregam pouco, ou talvez nenhum conhecimento referente a isto. Isso reflete uma problemática mais ampla, que apesar do crescente interesse pelo estudo desta temática a arte gráfica ainda acaba sendo deixada em segundo plano, como expõe Lux Vidal (2000) esse descrédito está motivado pelo fato dessas pinturas corporais e em utensílios serem vistas mais como restos da cultura, ou até mesmo como imparcial dentro do contexto que está inserida, então se ignora todo o peso que elas carregam dentro das vidas dos grupos indígenas.

Este ponto é um pouco preocupante, então vejo como importante aprofundar-me dentro desta temática, na intenção ir em busca da compreensão da importância do grafismo para o povo Sateré-mawé, para assim tentar contribuir com a divulgação desta importante cultura, isso não apenas dentro da universidade, mas principalmente fora do ambiente acadêmico.

1. Os Sateré-Mawé: um breve histórico

Os Sateré-mawé carregam grandes batalhas ao longo de sua história, não apenas batalhas travadas contra os Mundurucus, seus antigos rivais territoriais, mais principalmente batalhas travadas pela continuidade da sua própria existência, desde os primeiros contatos com os colonizadores até os dias atuais, onde os direitos conquistados ao longo de séculos de resistência estão sendo gravemente feridos. Além de resistirem fortemente contra aqueles que violam seus direitos, os Sateré-mawé são um povo de uma rica cultura, com costumes e ritos que perduram ao longo dos séculos de resistência, foram os inventores do cultivo de uma planta que hoje é cobiçado não apenas dentro da nossa região, mas em todo o Brasil, o Guaraná, além do ritual da tucandeira, festividade com importante significado.

Nos dias atuais, como aponta Pery Texeira (2005) vivem na divisa do estado do Amazonas e do Pará, na Terra Indígena Andirá-Marau, mais especificamente entre o rio Tapajós, Amazonas e Madeira ou conhecido também como médio rio Amazonas. A demarcação do território inicia no ano de 1978, com uma primeira delimitação por técnicos da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), porém, não obteve êxito nesse primeiro momento, tendo retornado no ano de 1981 graças as manifestações dos Sateré-Mawé junto ao órgão responsável. No dia 06/05/1982 houve publicação junto a portaria de demarcação, com a sua definitiva homologação na data de 06/08/1986, abrangendo os municípios de Parintins, Maués e Barreirinha, áreas correspondentes ao estado Amazonas, já no Pará, corresponde aos

municípios de Itaituba e Aveiro. Tem como território original a área geográfica que abrange os rios Tapajós e Madeira, tendo como estrema as ilhas Tupinambaranas pelo lado norte, já na parte sul é delimitado pelas cabaceiras do rio Tapajós.

1.1. Os aspectos gerais

A linguagem deste grupo faz parte do tronco linguístico tupi, alguns dos membros, principalmente os homens são bilíngues, além de serem falantes do Sateré-Mawé, também tem o domínio do português, ao contrário das mulheres, que utilizam apenas o Sateré-Mawé como aponta Sônia Lopenz (1992). Segundo Nunes Pereira (2003), o motivo inicial das mulheres utilizarem apenas o Sateré-mawé se deu como uma forma de mostrar resistência frente as excursões punitivas dos colonizadores, então proibiram o que as mulheres falassem o português.

Ainda dentro do aspecto linguístico, é importante que se saiba o significado do nome Sateré-Mawé:

[...] O primeiro nome – Sateré – quer dizer “lagarta de fogo” e é o clã mais importante dentre os compõe que esta sociedade, porque indica tradicionalmente a linha sucessória dos tuxauas (palavra que designa chefe político). O segundo nome – Mawé – quer dizer “papagaio inteligente e curioso”, e não é designação clânica [...]. (SÔNIA LOPENZ, 1992, p. 11).

Nunes Pereira (2003) tendo como referência Curt Nimuendaju, aponta como sendo fundamentalmente *Tupi*, mas tendo diferenças do *Guarani-Tupinambá*. Aqui podemos ter uma breve noção da complexidade que a língua falada pelos Mawé possui.

Um ponto de muita importância dentro de sua história, foi o desenvolvimento do cultivo do Guaraná, que se transformou no principal símbolo deste grupo, já que carrega consigo grande importância mitológica e econômica para os mesmos, seu grande valor comercial não se limita regionalmente. Nunes Pereira aponta que existe uma diferença do plantio do Guaraná comparado com os não indígenas “Distinguem-se dos civilizados, nesse plantio, porque selecionam as sementes e as plantas poucos dias após a colheita, com o arilo ainda não entrando em fermentação” (Nunes Pereira. 2003, p.51). Essas diferenças não param por aí, a exemplo disso é quando abrem novas áreas para o cultivo do Guaraná, fazem disso uma grade e importante acontecimento:

[...] Por ocasião do plantio de novas áreas de Guaraná, mandam chamar pajés, que fazem cerimônias para beneficiar as futuras colheitas. E comemoram o fato com danças, ao som de violas, de gambás, de caixas, de reco-recos. E bebem um tarubá forte [...]. (NUNES PEREIRA. 2003, p.51).

Mas talvez a principal diferença está na qualidade que cada um apresenta, como explica Sônia Lorenz:

Existe uma distinção entre o guaraná beneficiado pelos Sateré-Mawé, de excelente qualidade, chamado guaraná das terras, guaraná das terras altas e guaraná do Marau; e o guaraná beneficiado pelos civilizados na região de Maués, chamado guaraná beneficiado de Luzéia – antigo nome desta cidade, de qualidade inferior porque produzido sem os conhecimentos e apuro das práticas tradicionais dos índios. (SÔNIA LORENZ. 1992, p.40).

Fica evidente as distinções entre o cultivado do guaraná pelos indígenas Sateré-Mawé e o realizado pelos não indígenas.

Não podemos deixar de citar a bebida típica e que possuiu forte simbologia religiosa e social, que é o *çapó*, nas descrições de Nunes Pereira (2003), esta bebida provem do guaraná ralado, este processo de ralar o guaraná normalmente é realizada pela dona da casa, que utiliza uma pedra de grão finíssimo para transformar o “pão de guaraná” em pó, o *çapó* é indispensável no dia a dia dos Mawé “*eles acreditam que, bebido socialmente, favorece todos os negócios, dá alegria e estimula o trabalho*” (NUNES PEREIRA. 2003, p.83)

Antes de adentrarmos a dois dos importantes mitos sagrados Sateré-Mawé, é de suma importância apresenta o *Sehaypóri* que segundo Yaguarê Yamã (2007) na tradução literal significa “coleção de mitos” dos Mawé, que estão gravados no remo sagrado, que recebe o nome de *Puratig*, este remo carrega consigo um imensurável valor dentro da cultura dos Sateré Mawé, é sem dúvida o principal símbolo cultural deste povo. Neste remo estão gravados em formas de grafismo os contos dos Mawé ao longo dos séculos, “*assim, os Mawé o definem como “Urutó’hary, Urutó’ywot” (“Nosso avô, nosso pai”), o livro da sabedoria, para ler e para crer; para entender o significado da vida humana e o significado mais profundo: o de ser Mawé”* (YAGUARÊ. 2007, p.11). Como, segundo os mitos Mawé, surgiu o primeiro ser humano desta nação? Como surgiu o Guaraná?

Segundo conta Yaguarê Yamã (2007) Existiam três irmãos (semi-humanos), *Yakumã*, *Ukumã’wató* e *Anhyã-muaswyp*, a dona do *Nusokén*. *Anhyã-muaswyp* era uma moça muito cobiçada, porque além da sua beleza, tinha um vasto conhecimento acerca de todas as plantas medicinais. Apesar de sempre seus irmãos estarem de olho nela, acabou engravidando, seus irmãos ficaram furiosos com tal acontecimento, e expulsaram-na de perto deles, e conseqüentemente expulsa do *Nusokén*. Como previsto, a criança nasceu, recebeu o nome de *Kahu’ê*, que logo cresceu e se tornou um *kurumim* bastante esperto, desejava saborear os mesmos frutos que seus tios comiam, aqueles que estavam no *Nusokén*. *Anhyã-muaswyp* contou

ao filho o que a tinha acontecido antes do seu nascimento, mas mesmo assim, *Kahu'ê* insistia em provar as mesmas frutas que seus tios, sua mãe, mesmo relutante acabou cedendo e levou o *kurumim* ao *Nusokén* para poder provar as castanhas. Os vigiais colocados pelos irmãos logo perceberam que alguém tinha comido as castanhas, e imediatamente correram para avisar os irmãos, que deram a ordem de matar qualquer intruso que aparecem no *Nusokén*. *Kahu'ê* como já conhecia o caminho, não se conteve e acabou saindo escondido de sua mãe a caminho do *Nusokén*. Como era de se esperar, o *kurumim* foi pego pelos vigias que cortaram sua cabeça fora. *Anhyã-muaswyp*, logo deu falta de seu filho, já imaginou onde poderia ter ido, no caminho do sítio encantado, correu em direção, mas já era tarde, se deparou com seu único filho já morto. E como resposta a atitude de seus irmãos, pegou seu filho se mandou para bem longe dali, foi em direção ao rio *Maráw*, ali fez uma mágica, tirou o olho esquerdo e plantou em terras amarelas, que deu origem ao falso guaraná, o *Waraná-Hôp*, em seguida arrancou o olho direito, e plantou nas terras pretas, próximo ao *Nusokén*, que daí nasceu o veredeiro e único guaraná, o *Waraná Sése*. *Anhyã-muaswyp* enterrou o corpo do seu filho debaixo de uma árvore de *Abiu'rana* e deixou *Karaxué*, um pássaro que possuía um canto encantador, para vigiar local e que avisasse qualquer barulho suspeito. Dias a pois dias, o passarinho ouvia sons vindo da sepultura, e sempre ia avisar, nesse processo surgiram muitas animas da floresta, como por exemplo, o Veado, a capivara, o macaco-prego entre outros, e neste processo *Anhyã-muaswyp* escolhia seus nomes e quais seus afazeres no mundo. Chegou um momento que os barulhos da sepultura pararam, e nenhum bicho dali saiu, então o passarinho *Karaxué* começou a cantar, não muito tempo depois foi possível ouvir um estrondo vindo da sepultura, *Karaxué* foi às pressas chamar por *Anhyã-muaswyp*, que ao abrir a sepultura, se deparou com uma criança: o primeiro Mawé, aqueles que viriam a se chamar de o povo do guaraná.

É extremamente difícil que haja um trabalho mais aprofundado referente a cultura Mawé e os aspetos mais gerais desta sociedade dentro deste artigo, então não será possível abranger de uma forma mais detalhada alguns dos pontos apresentados, então outras características ficaram de fora, que é o caso dos meios de caça e pesca, trabalho, alimentação, casamento, religião, medicina, comercio, etc. No entanto, baseado no que foi apresentado, podemos ter um breve entendimento de um modo mais geral, de como vivem os Sateré-Mawé.

2. O grafismo indígena no Brasil

O grafismo indígena dos povos do Brasil são uma fonte inesgotável de beleza e aprendizados, resistem ao longo dos séculos, mas, antes de mais nada, é importante atentarmos para uma importante questão levantada por Els Lagrou (1963) que se refere as diferentes

concepções de arte entre os grupos indígenas e aqueles pertencentes da cultura ocidental, logo, os conceitos para esses grupos não possuem muitas similitudes com a arte e estética da tradição ocidental a qual pertencemos. Ainda dentro desta questão Lux Vidal (2000) explica que os que pertencem a cultura ocidental, talvez sem intenção, acabam não percebendo e nem colocando em níveis parecidos de importância e estética com a da cultura a qual fazem parte, isso porque estes que julgam, colocam o que é produzido pelos grupos indígenas como se pertencem a um mundo perdido e distante.

Agora com um olhar mais voltado pro campo antropológico, Vidal e Silva (2000) apontam que este campo das ciências humanas quando na intenção de trabalhar com manifestações estéticas, busca abordar critérios conceituais e físicos que traduzem expressões artísticas. Dentro do mundo ocidental, foram criados termos para determinar arte e beleza, esses mesmos termos sofrem influência do contexto que estão inseridos, logo diversas formas de cultura que não fazem parte deste contexto, não possuem muitas concepções que integram a cultura ocidental. Apontam que o fenômeno estético é construído através de uma base qualitativa, está assegurado na gênese humana *“De acordo com uma visão antropológica, afirma-se que o processo estético não é inerente ao objeto: está ancorado na matriz da ação humana”* (VIDAL E SILVA, 2000, p. 280).

O Grafismo e tudo o que ele abrange, desde muito tempo chama atenção por sua beleza estética e seu valor simbólico, como afirma Lux Vidal (2000), ao apresentar que as pinturas e manifestações gráficas pertencentes aos grupos indígenas do nosso país, fizeram parte de registros desde os primeiros séculos da colonização, por cronistas, viajantes e estudiosos que passaram a registrar essas manifestações, seja aquelas em utensílios, nas pinturas corporais e entre outros. Porém, ressalta ainda que mesmo com toda esta riqueza de matérias, não foi o suficiente para que o estudo deste campo fosse colocado em primeiro plano, desta forma não ganhando o devido valor por motivos já citados. Vidal (2000) ressalta ainda que estas manifestações estéticas receberam uma nova projeção a partir da década de 60 e 70 do século passado, motivado por novas bases teóricas e metodológicas, com isso, tornou-se possível uma renovação mais ampla frente a níveis de pesquisa.

O grafismo Indígena tem significado e importância imensurável para os povos Ameríndios, tem função importante dentro da cultura, educação e organização destes povos, carregam suas identidades, servindo como fonte inesgotável de ensinamentos e aprendizados não exclusivamente para aqueles que pertencem, mas também para aqueles que buscam compreender o quão grandiosas são essas manifestações.

2.1. Grafismo Indígena para a nação Sateré-Mawé e os primeiros contatos

Após a breve apresentação dos aspectos mais gerais da sociedade Mawé e uma pincelada sobre o grafismo indígena num aparato mais geral, neste capítulo trabalharei mais especificamente o grafismo Sateré-Mawé e a sua importância para este povo, a fonte principal para o que será apresentado é a entrevista realizada com uma das lideranças Mawé presente em Parintins, Almir Sateré¹ e José Andirá² que faz curso de Tecnologia em Designer. O ponto principal desta pesquisa é compreender a importância do Grafismo Indígena pro povo Sateré-Mawé e qual será apresentado neste momento.

As artes gráficas estão presentes nas mais diversas sociedades Indígenas dentro do nossa país, e carregam consigo as mais variadas simbologias. Para os Sateré-Mawé não é diferente, o Grafismo Indígena traz grande valor dentro desta sociedade, como relata Almir Sateré, que ao ser questionado quanto a importância do Grafismo Indígena pro povo Sateré-Mawé, explica que:

O Grafismo é muito importante, pois representa a afirmação da nossa identidade cultural e a nossa presença física como povo Sateré-Mawé que mantém sempre vivo as nossas tradições e o nosso processo de educação e comunicação de geração em geração. Nós fortalecemos fisicamente e espiritualmente através dos nossos grafismos. (Almir Sateré, entrevista, 2022)

Com a fala do colaborador, fica claro o quão importante o Grafismo Indígena é para este povo, valor talvez impossível de ser mensurado, tendo influencia dentro da cultura, sociedade, educação e servindo como combustível espiritual. A exemplo disso é o *Puratig* ou simplesmente, remo sagrado, segundo Yaguarê Yamã (2007) neste estão contidos desde as mais importantes fábulas, lendas e mitos Mawé, que recebem o nome de *Sehaypóri* e estão gravadas neste remo através do grafismo, que representam importância equivalente a bíblia para os cristãos, por exemplo. Yaguarê descreve ainda:

[...] remo sagrado e símbolo maior da identidade cultural do povo Sateré Mawé, que tem a forma de bastão e é ornamentado com o grafismo que simbolizam o *Sehaypóri* [...] são pintadas com as cores brancas e vermelha – cores extraídas do barro-branco Taguatinga e das plantas urucum e jenipapo, respectivamente, cujas tonalidades realçam a importância de cada conto[...] (YAGUARÊ.2007, p.11)

¹ Nome fictício atribuído a liderança Sateré-Mawé que contribui com a pesquisa.

² Nome fictício atribuído ao colaborador que contribui com a pesquisa.

O *Puratig* é a demonstração excelente do que buscamos compreender neste artigo, é o principal símbolo da cultura Sateré-Mawé, carrega a identidade deste povo a levando de geração para geração, tudo isso não apenas por meios da forma oral, mas também pelos grafismos, que é como estão representadas os mais tradicionais mitos e lendas. Considerando o que foi supracitado, fica cada vez mais fácil compreender o grafismo e a sua relevância para esta nação.

Desde muito cedo os Mawé já têm contato com o grafismo e com o passar do tempo, vão desenvolvendo uma certa consciência da simbologia e importância que estes possuem, é de suma importância que esse contato se inicie ainda na infância, assim podendo introduzir essas tradições de forma mais trabalhada e concreta, tornado possível que haja a continuidade da cultura deste povo. É essencial que haja um entendimento referente aos seus primeiros contatos com o grafismo e a criação de uma consciência relacionada a importância destes para suas vidas, então, este foi um dos pontos perguntados junto aos nossos colaboradores, que contribuíram com a seguinte resposta:

Desde a minha infância. Sempre tive vocação para a arte e cultura Sateré-Mawé. Meus pais foram fundamentais na minha trajetória. Com o tempo percebi que seria importante valorizar e desenvolver os Grafismos como elemento necessário para a educação e afirmação cultural e como fonte para o auto-sustento consciente. (Almir Sateré, entrevista, 2022)

Com isso, podemos ter uma breve ideia que esse contato se inicia desde a infância, ou já um pouco mais adiante, na adolescência, mas que claro, existe aqueles que possuem uma certa facilidade para trabalhar com o grafismo, que é o caso dos nossos colaboradores. Fica bastante explícito a importância de serem inseridos desde a infância, pois, quanto mais cedo é esse processo de familiarização, a criação de uma identidade e uma consciência para com a valorização do grafismo se torna mais forte e significativa.

2.2. Pintura Corporal

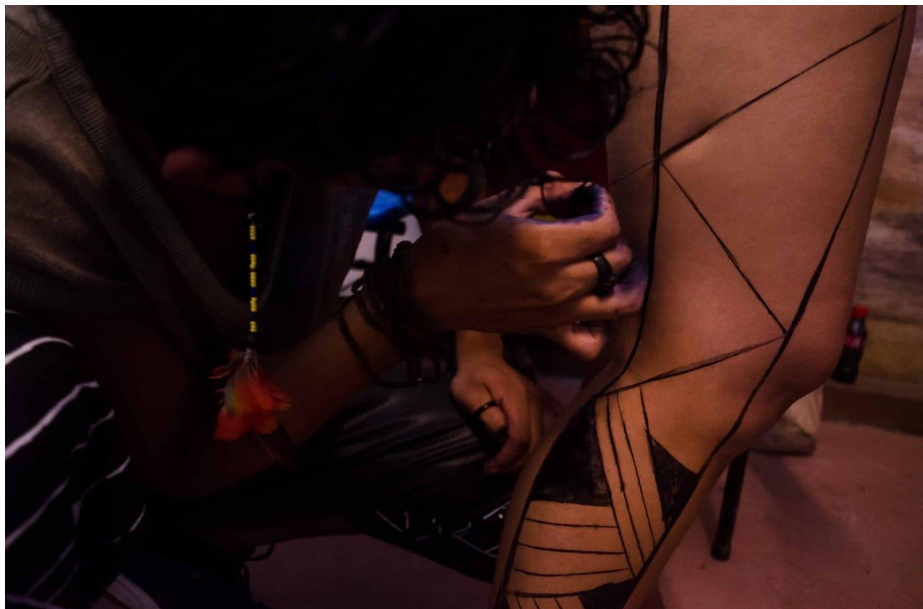
Se tratando da pintura corporal, segundo (Maristela Ribeiro. 2002, p.22) “Em alguns povos, a pintura significa preparação para a luta, batalha; para outros, serve para ornamentar, como é o caso das imagens”. Dentro da sociedade Sateré-Mawé, a pintura corporal está presente dentro dos mais variados contextos, desde o nascimento, rituais de passagem, casamento, celebrações e a morte. A pintura corporal talvez seja a mais conhecida dentro essas representações da cultura Mawé. Este ponto foi uma das questões levantadas junto ao colaborador, a pergunta foi relacionada a importância da pintura corporal e se existem momentos específicos para ser utilizadas. Em resposta:

Tem muita importância, pois marca momentos fortes durante as nossas manifestações culturais sagradas. Representam a contextualização da nossa expressão cultural milenar. Não podemos deixar de fazer o uso da pintura corporal em nenhum momento, seja nas representações culturais ou nos rituais. (Almir Sateré, entrevista, 2022)

Através das narrativas do colaborador, entende-se o quão forte é a presença do grafismo, neste caso representado pelas pinturas corporais, estão presentes nos mais variados contextos, sendo eles culturais e ou em ritos. Baseado no relato de Almir Sateré, pode-se imaginar que a pintura corporal se encontra no cotidiano deste povo, com ela podemos ter uma explicação dos motivos e características presentes dentro do processo de expressão cultural Sateré-Mawé. Apesar da pesquisa ainda ser um pouco raso, pode-se ter uma ideia do que o grafismo representa para este grupo, tendo forte influência naqueles momentos mais singulares.

Em uma conversa informal com o nosso colaborador José Andirá, foi explicando alguns detalhes deste processo da pintura corporal. Iniciando com a tinta, que pode ser feita do urucum, ou jenipapo. Foi detalhado a do jenipapo, que estará nas imagens a seguir. É utilizado o jenipapo ainda verde, se tira a casca, é utilizada apenas a fruta onde a tinta é extraída dos pigmentos desta fruta.

Figura 1: processo de pintura com a tinta extraída do jenipapo



Fonte: Adolfo Oliver (2022)

Segundo o nosso colaborador, o grafismo na imagem acima representa o tipiti, que tem significado muito importante para estes, simboliza força. O tipiti é uma tecnologia desenvolvidas pelos indígenas que é feita com palhas trançadas e tem como função a de tirar o

líquido da mandioca moída. Esses utensílios utilizados no cotidiano neste grupo possuem grande importância, tanto que são utilizadas nossas representações feitas na pele.

Figura 2: Tipiti



Fonte: Disponível em https://live.staticflickr.com/5086/5355077150_6a88155e44_k.jpg Acessado em: 20/05/2022 as 15h13min.

Na imagem 2 temos um tipiti, trouxemos para melhor ilustrar o grafismo da figura 1. Observa-se a semelhança dos traços da pintura e do trançada do tipiti, é muito comum dentro da pintura comporia Mawé essas representações inspiradas em utensílios que são utilizados no dia a dia.

Na conversa com José Andirá, foi perguntado quando iniciou dentro da pintura corporal e como se deu esse processo, é importante atentarmos para estes pontos, com o objetivo de entendermos de forma mais aprofundada esse processo. O colaborador respondeu da seguinte forma:

Minha histórica com grafismo corporal começou aos 12 anos, lendo e ouvindo as históricas dos mais velhos, e quando tinha ritual eles me chamavam para pinta porque já me conheciam. E até hoje faço isso porque gosto. Atualmente, faço o curso de tecnologia em designer digital, porque acredito que nos meios digitais nossas histórias poderão ser ouvidas e podemos desmontar estereótipos de quem somos nós povos indígenas. (José Andirá, entrevista, 2022)

A introdução se deu ainda no início da adolescência, muito influenciado pelos contos das histórias do povo Mawé que eram reproduzidas pelos mais velhos, esses momentos são bastante importantes, porque é quando vai se criando uma consciência da importância do mundo que estão inseridos.

Figura 3: Grafismo corporal Sateré-Mawé



Fonte: Adolfo Oliver (2022)

O grafismo da imagem acima foi feito por nosso colaborador José Andirá, que segundo ele tem como significado a proteção. A escolha deste grafismo foi por conta a defesa do trabalho de conclusão de curso da pessoa na imagem. Como já foi relatado aqui, o grafismo corporal está presente em todos os momentos da vida dos Mawé, como vemos neste caso.

Figura 4: Grafismo corporal Sateré-



Fonte: Adolfo Oliver (2022)

Nesta imagem (figura 4) temos o mesmo objetivo da explicada anteriormente, que é a de proteção, a pessoa em questão também estava no processo de preparação para a defesa de seu trabalho de conclusão de curso. Na imagem, pode-se observar que a tinta já está seca na

pele, segundo nosso colaborador, esse processo de secagem dura por volta de 3 horas e neste tempo a pessoa não pode fazer movimentos bruscos, o ideal é que fique parada durante o tempo que a tinta seque.

Figura 5: Grafismo corporal Sateré-Mawé



Fonte: Adolfo Oliver (2022)

Aqui temos a continuação do grafismo da imagem 4, neste podemos observar que ainda não secou por completo, aqui provavelmente houve um tipo de retoque em algumas partes da pintura. José Andirá relata ainda que esse processo da pintura precisa de muita concentração, são utilizadas as mãos e uma tala de bambu para fazer os traços mais finos e delicados.

2.3 Utilização do Grafismo Sateré-Mawé pelos não indígenas

Saindo um pouco da simbologia do grafismo Mawé, entraremos em uma outra problemática, que é a utilização destas manifestações por aqueles que não fazem parte dos Sateré-Mawé. É muito comum, principalmente no período do festival folclórico de Parintins, que muitas pessoas pintem seus braços, rotos e outras partes do corpo, e é aí que entra o ponto que aqui queremos trabalhar, que é o fato de muitos utilizarem destas manifestações sem ao menos terem o mínimo de conhecimento referente a elas, isso principalmente na pintura corporal, muitos apenas pintam, influenciados pela “onda” do festival dos Bumbás Garantido e Caprichoso. Possivelmente, há aqueles que buscam compreender os significados, mesmo sendo uma minoria, já é bastante significativa, no entanto o que nos preocupa são aqueles que não

demonstram esse interesse. Este foi o último ponto discutido junto ao nosso colaborador, que ao ser questionado sobre essa questão, respondeu da seguinte forma:

Vejo que é necessário desenvolver estratégias para conscientizar a população sobre a imagem dos povos Indígenas no período do Festival Folclórico de Parintins. Não podemos ser vistos como atração Folclórica, temos que ser vistos como cidadãos que possui cultura diferenciada. As pessoas tem que valorizar a nossa existência e o estado brasileiro tem que cumprir com os direitos assegurados na constituição federal. Muita coisa tem que mudar em relação a forma de nos ver em sociedade, os verdadeiros brasileiros. (Almir Sateré, entrevista, 2022)

Temos aqui como um dos principais objetivos contribuir com a divulgação do grafismo Sateré-Mawé, não nos limitando a apenas na Universidade, mas também para a sociedade em geral, com a divulgação, buscamos por possibilitar que haja uma compreensão mais aprofundada da importância do Grafismos pro povo Mawé, e partir desta, criar uma certa sensibilidade naqueles que utilizam destas manifestações, assim incentivando para que busquem sempre conhecer não apenas sobre a cultura Mawé, mas a cultura das mais variadas sociedades Indígenas da nossa Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui uma perspectiva acerca da Importância do Grafismo Indígena para povo Sateré-Mawé, tendo como objetivo principal ajudar na compreensão da importância dessas manifestações para este povo, que foi possível através das narrativas dos nossos colaboradores, com a consciência que quando trabalhamos com a História, descartamos ideias de verdade absoluta, então neste artigo trago uma leitura diferente referente ao grafismo para estes, na pretensão de servir como uma fonte a mais para aqueles que buscam conhecer mais a fundo a cultura Mawé.

Ainda nos dias atuais, temos poucos materiais referentes as artes gráficas dos povos Indígenas do Brasil, mesmo com o grande número de fontes disponíveis, essas manifestações ainda são colocadas em segundo plano, não recebendo o devido valor. Vale reafirmar aqui que esses povos pertencem a uma cultura diferente aqueles que foram introduzidos aos aspectos da cultura ocidental, então deve-se tomar cuidado ao atribuir certos conceitos a esses povos de cultura própria. Aqui delimitamos a sociedade Sateré-Mawé, por conta de toda a simbologia e riqueza que a cultura deles possuem.

Conforme os relato, conseguimos perceber o quão importante é o Grafismo para os Mawé, porque é através dessas manifestações que se mantém viva toda uma simbologia e cultura, tem papel fundamental na afirmação da identidade deste povo, com função de carregar

as mais importantes tradições e ensinamentos, conseqüentemente essas manifestações em forma de grafismo contribuem na passagem desses ensinamentos entre as gerações, e como afirma um dos nossos colaboradores, serve como fonte de fortalecimento tanto espiritual quanto físico. No *Puratig* que é o maior símbolo a representar a identidade desta nação, temos a presença do grafismo e é através deste que estão gravados os mais importantes contos deste povo. As representações gráficas estão presentes nos momentos mais singulares para os Mawé, principalmente através da pintura corporal que traz representações dos mais variados aspectos do cotidiano. É como a sua segunda pele, fonte inesgotável de energia, sendo ela espiritual ou físico.

A pesquisa deste tema é bastante promissora, conseguimos aqui compreender a importância do grafismo Indígena para os Sateré-Mawé, este é o nosso primeiro passo dentro do estudo dessas manifestações de grande valor para a identidade deste povo. Entender esses aspectos possibilita que possamos conhecer um pouco mais não apenas sobre a vida dos Sateré-Mawé, mas sobre nós mesmos.

REFERÊNCIAS:

- A Existência e a Resistência da Cultura Sateré-Mawé** / Alail Barroso Miquiles... [et al]. Org.de Clóvis Fernando Palmeira Oliveira – Manaus: SEDUC-AM – Universidade do Estado do Amazonas, 2008.
- BASTOS, Lílina. **Narrativa e vida cotidiana**. Belo Horizonte: SCRIPTA, 2004.
- YAMÃ, Yaguarê. **Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé**. 1ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2007.
- YAMÃ, Yaguarê. **Puratig, o remo sagrado**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- LAGROU, Els. **ARTE INDÍGENA NO BRASIL: agência, alteridade e relação**. 1ª ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- LORENZ, Sônia. **Os filhos do Guaraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.
- MICHILES, Adail Barroso (org). **A existência e a resistência da cultura Sateré-Mawé**. Manaus: SEDUC/UFAM, 2008.
- NASCIMANTO, Dilce Pio. **Narrativa Sateré-Mawé Oralidade e Dramatização**. Orientador: Marcos Frederico Krüger Aleixo. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas, Amazonas, 2013.

PAULILO, Maria. A pesquisa qualitativa e a História de Vida. **Curso de Serviço Social em Revista**, Londrina, vol. 2, n. 2, p. (135-148), Jul./Dez. 1999.

PEREIRA, Nunes. **Os Índios Maués**. / Nunes Pereira. 2.^a ed. ver. Manaus: Editora Valter e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PERY, Teixeira (Org). **Sateré-Mawé: retrato de um povo Indígena**. Manaus: UFAM, Fundação Joaquin Nabuco, COIAB, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol.5 n. 10, p. (200-212), 1992.

VIDAL, Lux (Org). **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. - 2^a ed. - São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2009.